

CADEIRA 44

PATRONESSE – Irmã Plácida Wehenpohl



Elisabeth Wehenpohl nasceu no dia 22 de janeiro de 1901 na Alemanha, sendo um dos três filhos de Bernard Wehenpohl e de dona Wilhelmine Wehenpoh.

Elisabeth Wehenpohl (nome de batismo) desde criança, almejava se tornar religiosa e compartilhou o desejo com os pais. Seu genitor não se opôs à escolha da filha, mas a genitora orientou-a a frequentar a sociedade, pelo menos por um ano, a fim de conhecer melhor o mundo para então se decidir. A jovem acolheu a intervenção materna como conselho e pela obediência, a bela Elisabeth frequentou a sociedade da época, suas festas e outros eventos sociais pelo período estipulado, pela mãe, preocupada com o futuro da filha.

Ocorre que enquanto atendia ao pedido materno a jovem, com a devida reserva, procurou conhecer uma Ordem Religiosa na qual não a agradou. Percebeu que havia grã-finagem e hierarquia social dentre os membros, conforme a procedência familiar e os dotes financeiros. Prosseguiu na busca e encontrou a Ordem das Pobres Clarissas Missionárias, que atendia aos seus ideais. Então, quando se cumpriu o prazo estipulado, Elisabeth falou à família: “ - *Mamãe, cumpriu-se o tempo, agora estou livre!* “ A Mãe e os demais familiares acolheram e respeitaram a escolha da jovem.

Em 11 de novembro de 1923 a jovem Elisabeth ingressou no convento com outra companheira, uma jovem de corpo franzino, aparentando recolhimento, silêncio e tristeza no olhar. Ao ver a expressão da amiga, pensou consigo: “ - Tão jovem, bela, serena e recolhida... Será que todas as vocacionadas deveriam se comportar como

ela? “ A amiga estava acompanhada de um irmão e enquanto se despediam, Elisabeth tirou o chapéu, penteou os cabelos e seguiram, as duas, rumo à vida religiosa.

Em 19 de junho de 1924, na Alemanha, por ocasião da Festa do Sagrado Coração de Jesus, Elisabeth e sua companheira fizeram os votos e receberam o hábito religioso. A partir daquele dia a jovem Elizabeth passou a se chamar Irmã Plácida. A companheira “pouquinha” e de olhar triste se tornou sua amiga de congregação, recebendo o nome de Irmã Bernardine Ostarp.

Alguns anos se passaram e Irmã Bernardine confidenciou à Irmã Plácida a razão do sofrimento ao ingressar no convento; tratava-se da separação do único irmão. E revelou, que ele ao escrever, perguntara se sua amiga seguira a vida religiosa. Bernardine respondeu que além de ter ingressado na vida religiosa, atualmente era sua superiora.

Em outubro de 1925, Irmã Plácida que deixara a família para abraçar a vida religiosa, agora, deixava sua pátria com destino ao Brasil. O amor a Deus, o compromisso de levar o evangelho a todas as criaturas e o apostolado missionário, trouxe a jovem para uma pátria desconhecida. Chegando à cidade de Capela, no estado de Sergipe, juntamente com outras congregadas, iniciou o trabalho pela docência. Em pouco tempo Irmã Plácida foi acometida de *paratifo*; doença infecciosa e sem tratamento adequado, naquela época. A freira foi desenganada pelos médicos. Depois de receber a *extrema-unção*, o milagre aconteceu, inexplicavelmente, ela reagiu e foi curada. Irmã Plácida foi eleita Superiora da Comunidade Religiosa à qual pertencia, tornando-se líder das demais congregadas, inclusive das freiras de mais idade. Chegara a hora da jovem Irmã alargar os caminhos da evangelização.

Em 1928 Irmã Plácida pisou o solo da Serra do Estêvão, atual distrito de Dom Maurício, em Quixadá – Ceará. O acesso ao local se dava exclusivamente em lombo de animais ou a pé. Ali havia o Mosteiro da Santa Cruz, uma edificação erguida pelos monges Beneditinos oriundos da Europa. Com a desativação do Colégio São José e do Seminário Monástico, o complexo incólume foi oferecido à Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição para que elas criassem uma comunidade

religiosa e o serviço de um sanatório, com a finalidade de tratar dos tuberculosos vindos das diversas regiões do País.

Em 1933 Irmã Plácida passou a ser Superiora do Mosteiro da Santa Cruz, quando ainda funcionava o sanatório. Ela e as co-irmãs, no início da nova fundação, chegaram a passar fome, vivendo da colheita da roça, de aves que criavam e comiam até *piabas* pescadas em riachos. Além dos desafios diários, a líder religiosa ainda se dedicava em levar conforto espiritual para os pacientes acometidos de tuberculose. Era conselheira das famílias e patrocinava o perdão.

Os mantimentos para a comunidade religiosa eram comprados na cidade de Quixadá, a 24 Km de distância entre o convento e a urbe. E a freira “amazona” fazia o trajeto em seu cavalo, batizado com o nome alemão de “ *Hanes*. “ Sempre que necessário, ela enfrentava dificuldades e as intempéries do tempo, em busca de víveres e demais provisões.

A vida na Serra do Estêvão começara a melhorar, o convento já estava autossustentável, quando Irmã Plácida foi transferida para a cidade de Quixadá. Em 08 de janeiro de 1938 Padre Luís Braga Rocha – Pároco de Quixadá, recebeu as irmãs e lançaram a pedra fundamental do projeto educacional quixadaense. No momento lançaram a pedra fundamental do que se tornaria o Colégio Sagrado Coração de Jesus. E tudo teve início em uma modesta casa, cedida pela senhora Libânia para as freiras fundarem a nova comunidade religiosa. Era tudo simples e muitos desafios pela frente; o único mobiliário trazido pelas freiras da Serra do Estêvão eram as vestes, insígnias e quatro tamboretas de madeira, a quantidade de servas para iniciar a nova obra. Inicialmente, as refeições eram preparadas pelas Irmãs, em uma cozinha improvisada muito simples.

A liderança da religiosa congregou as demais freiras, leigos e colaboradores em torno do novo projeto. Usando da inteligência promoveu rifas, bingos, leilões dramas e outras promoções além da coleta de prendas na comunidade. Todos queriam contribuir! Um fato inusitado entrou para a história da construção do colégio, uma família humilde, não tendo o que ofertar, deu para a religiosa um macaco para ser leiloado e os recursos revertidos na obra.

Além das atividades diárias, durante os finais de semana a freira ia e voltava a pé até o cedro, onde pregava o evangelho e, ainda, tirava tempo para assistir às jovens egressas da vida religiosa, através da escola Santa Inês, na sede de Quixadá.

Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, Irmã Plácida e as compatriotas chegaram a ser perseguidas por um grupo antinazista que alegava que ela e suas asseclas pertenciam à “*quinta coluna*,” denominação brasileira para os espiões alemães. O grupo acreditava que as irmãs tinham, escondido em casa, aparelhos de rádios transmissores sofisticados para se comunicarem com a Alemanha. Com esta crença o grupo chegou a ameaçar as religiosas até de morte. Diante do episódio, Irmã Plácida apenas orientou às co-irmãs, que dormissem vestidas com os hábitos, porque se fossem assassinadas, já estariam preparadas para o encontro com Jesus Cristo, na eternidade.

Em 1946, Irmã Plácida foi transferida para o Hospital Espanhol na Bahia, onde dedicou seu amor à causa dos enfermos por vários anos. Na sequência, ainda no estado da Bahia, foi viver e compartilhar o Evangelho na cidade de Barra do Rio Grande, onde dirigiu um internato com noventa jovens.

Em 1959 retornou ao município de Quixadá, novamente, como Superiora da comunidade religiosa. Neste período, enfrentou alguns desafios e conseguiu, na Alemanha, os recursos necessários para a construção do pavilhão superior do Colégio Sagrado Coração de Jesus, o dormitório das Irmãs. Com a conclusão de seu mandato, foi transferida para o estado do Pará e lá permaneceu por três anos. Sua saúde ficou fragilizada e ela foi transferida para Fortaleza, no Ceará, onde permaneceu por certo tempo.

Em 1970, a convite do Padre Luís Braga Rocha, Irmã Plácida fundou uma comunidade religiosa no Hospital Maternidade Jesus Maria e José, para cuidar dos doentes e assumir a parte administrativa da instituição. A Irmã recorreu aos amigos e familiares da Alemanha, em busca de recursos financeiros. Dessa forma, ela realizou

a reforma do prédio e construiu uma capela. Com esta obra, Irmã Plácida encerrou sua missão, no que concerne às obras de assistência aos pobres.

Em 1980 Irmã Plácida retornou para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Quixadá, a obra que ela considerava sua verdadeira casa terrena. O espaço onde ela agora experimentou a saúde fragilizada, permitia que vislumbrasse a recompensa através da fé e das obras realizadas.

Em 1987 foi eleita pelo Jornal Tribuna do Ceará como “*Mulher Destaque 1987*”; “recebeu, no mesmo ano, a maior honraria concedida pelo município de Quixadá, a “Medalha Rachel de Queiroz. “

Irmã Plácida faleceu no Hospital Fraternidade Nossa Senhora da Saúde, em Fortaleza – Ceará, no dia 06 de setembro de 1991, aos 89 anos de idade. Seu corpo foi sepultado no Cemitério pertencente à Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, no Mosteiro Santa Cruz, em Dom Maurício, Quixadá - Ceará, onde a discípula, amada de Deus, iniciou sua obra apostólica no estado do Ceará. Ali, seu corpo e da jovem companheira franzina, a Irmã Bernardine, descansam em paz.

Francisco de Assis e Clara de Assis se consagraram a Deus e à humanidade pelo apostolado cristão, amor ao evangelho e dedicação aos pobres. Durante minha pesquisa encontrei a nova personificação dos benfeitores da humanidade, materializada no apostolado do Padre Luís Braga Rocha e da Irmã Plácida Wehenpohl, na história palmilhada pela Igreja de Jesus Cristo, em Quixadá.

Por sua biografia a Academia Quixadaense de Letras – AQL acolheu a indicação de seu nome, requerida pelo professor Antônio Marins de Almeida Filho, cadeira 28, conferindo-lhe em votação unânime, o título de Imortal como Patronesse Perpétua da Cadeira 44. (Biografia escrita pelo prof.: Antônio Martins de Almeida Filho – Cadeira 28 da AQL, a partir de pesquisas documentais, relatos e informações fornecidas pela Irmã Genilva Bezerra, (Diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus e Coordenadora da Comunidade Religiosa – Fraternidade Santa Maria dos Anjos – Comunidade das Irmãs

que atuam no Colégio) e da senhora Maria de Lourdes de Paula (Tia Paula), que aprovaram e autorizaram sua publicação). A revisão final contou com a participação de Irmã Luci Fontenele – Ex-Superiora Geral da Congregação.

ACADÊMICO FUNDADOR DA CADEIRA 44

Conforme pesquisa realizada junto à Academia Quixadaense de Letras, até a data de conclusão desta obra, a cadeira 44 estava vacante, aguardando o ingresso de seu fundador.
